

INTERFACE ASPECTUAL EM VERBOS DE MOVIMENTO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Thiago Oliveira da Motta Sampaio¹

Aniela Improta França¹

motta_kun@yahoo.fr

anielaimprota@terra.com.br

RESUMO: A interrelação entre Sintaxe e Semântica ainda é bastante controversa. Na contramão da maioria dos trabalhos que consideram unicamente os papéis temáticos como mediadores desta relação, este artigo propõe o aspecto - uma noção semântica que apresenta manifestações sintáticas – como mediador desta relação. Para isso adotaremos a hipótese da interface aspectual (Tenny 1992) e as contribuições de Arad (1996), apresentando seus principais fundamentos, telicidade e as projeções aspectuais de measurer e de originator, visando explorar o seu funcionamento nos verbos de movimento do Português Brasileiro. O artigo também mostra a contribuição desta hipótese na identificação de verbos inacusativos e inergativos e apresenta a possibilidade da presença de um measurer em sentenças com verbos de movimento, estruturas que foram ignoradas em Arad (1996).

PALAVRAS-CHAVE: hipótese da interface aspectual; verbos de ação; telicidade; interface sintático-lexical; inacusativo; inergativo.

INTRODUÇÃO

O licenciamento sintático e semântico entre os participantes de um evento ainda é um dos pontos mais controversos na literatura Gerativista. Dos trabalhos que se propõem a tratar deste assunto, muitos consideram a Teoria Temática aplicada a versões lexicalistas da gramática (Baker, 1985, 1996; Chomsky, Lasnik, 1993; Pesetsky, 1995): cada elemento lexical traz do léxico para a sintaxe a sua grade temática. Sendo assim, o verbo *chutar*, por exemplo, traria do léxico a seguinte grade temática: [[agente] [chutar]

¹ Laboratório ACESIN - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

[tema]]. Perseguindo uma análise não lexicalista do problema em questão, este trabalho propõe uma análise dos verbos de movimento, testando a Hipótese da Interface Aspectual ou AIH², (Tenny, 1992), que propõe que existe um nó sintático de aspecto funcionando como mediador desta interação. Combinando com esta hipótese, utilizamos os conceitos de *measurer*, *originator* e *path* (respectivamente medidor de evento, iniciador do evento e caminho inerente ao verbo), propostos por Arad (1996) e Borer (1994) e demos foco especial aos verbos de movimento e seus delimitadores (atribuidores externos de telicidade). Este trabalho contribui com uma análise e com um tratamento para intransitivos transitivizados por um complemento inerente.

1. INTERFACE ASPECTUAL E NOÇÕES DE MEASURER E ORIGINATOR

Tenny (1992) propõe, através da *AIH* que, ao invés de papel temático, seria o aspecto verbal³ – que é uma noção temporal semântica que se manifesta na sintaxe – o mediador entre a semântica verbal e sua estrutura argumental:

Hipótese da Interface Aspectual (AIH)

O mapeamento entre a estrutura temática e a estrutura dos argumentos sintáticos é governada por propriedades aspectuais. Uma estrutura aspectual universal é associada com argumentos internos (diretos), externos e oblíquos na estrutura sintática, limita os tipos de participantes do evento que podem ocupar tais posições. Somente a parte aspectual da estrutura temática é visível à sintaxe. (Tenny 1992:2)⁴

Segundo a hipótese de Tenny, assumida por Arad (1996), o VP teria um complemento especial que muda de estado ou de lugar e funciona como um medidor do evento: o *measurer*, que seria o único argumento capaz de ocupar a posição de objeto direto⁵. Este argumento é o correspondente ao *tema* na Teoria Temática. Todo evento

² AIH- *Aspectual Interface Hypothesis*

³ Primitivo formal relacionado ao curso temporal da forma verbal

⁴ Aspectual Interface Hypothesis (AIH)

“The mapping between thematic structure and syntactic argument structure is governed by aspectual properties. A universal aspectual structure associated with internal (direct), external and oblique arguments in syntactic structure constrains the kind of event participants that can occupy these positions. Only the aspectual part of thematic structure is visible to the syntax”. (Tenny 1992:2)

⁵ *“Em particular, somente argumentos que medem o evento que é descrito pelo verbo (doravante measurers) aparecem na posição de objeto direto”.*

“In particular, only arguments that measure out the event that the verb describes (hence measurers) appear at the direct object position”. (ARAD, 1996:5)

que tiver um *measurer* terá um limite de tempo correspondente à duração do processo em que seu estado é alterado. Isso quer dizer que numa sentença como:

(1) *João comeu uma maçã.*

O complemento *uma maçã* é o *measurer* do evento veiculado pelo verbo *comer*, ou seja, a *maçã* vai do estado de *íntegra* a *comida* durante o tempo em que *João* a come. É importante observar que o fato de certos eventos serem limitados no tempo é uma informação inerente aos verbos e faz parte de suas propriedades lexicais. Outra noção importante que Arad (1996) e Borer (1994) introduzem é a noção de *originator* que seria o argumento que inicia o processo, que seria correspondente ao *Agente* na Teoria Temática. Retomando o exemplo anterior, *João comeu uma maçã*, *João* é o *originator* do evento *comer maçã*.

2. VERBOS DE MOVIMENTO

Até agora foi assumido que o *measurer* é quem dá a noção do limite temporal do evento. Porém existem casos especiais, como o dos verbos de movimento, em que o objeto direto não seria suficiente para delimitar o evento, não sendo, portanto, o *measurer*. Veja os casos em (2):

(2) a – João dirigiu o carro.

b – João dirigiu o carro até a faculdade.

Repare que em 2a e 2b *o carro* é argumento interno do verbo, mas não funciona como *measurer*. Isto aconteceria, segundo Arad (1996: 5) devido ao fato de se tratar de um evento de movimento: “*O delimitador não é o measurer (o evento não tem measurer), mas sim o PP*”⁶. Em 2a, o evento é atético, já que não há um limite de tempo, permitindo que o evento aconteça por tempo indefinido. Porém, 2b é tético, pois o evento acontece até que o carro chegue à faculdade. Neste caso, o PP *até a faculdade* funciona como delimitador do evento. Apesar de limitar o evento no tempo, o PP não é

⁶ “*The delimiter is not the measurer (the event has no measurer) but the PP (...)*” Arad (1996: 9)

um *measurer* visto que ele não sofre alteração de estado, e por não conter, em si, um limite, mas sim um ponto final. Neste tipo de construção, a coisa movida sempre percorre um caminho de um lugar para o outro, e este caminho é uma noção semântica interna ao verbo de movimento. Por outro lado, este caminho é indefinido, ou seja, não possui um ponto final inerente. O PP funciona como um ponto de chegada que se impõe a este caminho, indicando que o evento termina assim que este ponto for alcançado, tratando-se então de um delimitador externo⁷ do evento, que em conjunto com o path inerente ao verbo, funciona como *measurer*. Ou seja, o evento termina quando o path, inerente ao verbo, até o ponto de chegada definido pelo PP passa de não-percorrido a percorrido.

Os exemplos em (2) fazem ressaltar uma incoerência em Arad (1996:5): Primeiramente ela diz que o único argumento capaz de ocupar a posição de objeto direto seria o *measurer*, porém a autora também argumenta que, em casos como 2b, o verbo não possui um *measurer* (1996: 9). Aqui propomos então que somente os objetos diretos podem funcionar como *measurer* do evento, embora possa haver objetos diretos não *measurer* como *o carro* em 2b.

Tomemos agora os exemplos em 3:

(3) a - Pedro corre

b - Pedro corre até a padaria

c - Pedro corre a maratona⁸

Pecerbemos que toda a discussão até agora dá conta das sentenças 3a e 3b. Porém, o que dizer de 3c? Não há dúvidas que se trata de um verbo de movimento e de um evento télico. Por outro lado, o argumento a direita nesta sentença não é um PP path, mas sim um DP, *a maratona*. Podemos perceber também que o argumento interno, nesse caso, é algo que passa de um estado a outro, em outras palavras, *a corrida* passa do estado de evento em andamento para o de evento terminado, mesmo que seja apenas na

⁷ É importante destacar que se trata de um delimitador externo, pois Arad (1996) se utiliza do termo delimitador (*delimiter*) não para os argumentos delimitadores de tempo, mas sim para os delimitadores dativos nas construções com objeto duplo (DOC). Este tipo de construção será melhor explicado na nota 9.

⁸ *A maratona* e ainda mais *a corrida* funcionam como argumentos internos inerentes aos verbos. Estes são casos em que o objeto direto é sim um *measurer* do verbo.

perspectiva de Pedro, podendo continuar para outros competidores depois que Pedro cruzar a linha de chegada (o que não será discutido aqui). Desta forma, *a maratona* em 3c funciona como measurer do evento, não se tratando verdadeiramente de um path como é comum nos verbos de movimento. Arad (1996) não trata deste tipo de construções.

3. Projeções aspectuais⁹

Após a discussão sobre as propriedades aspectuais dos argumentos verbais, é necessário saber como representá-las na estrutura sintática. Aqui são assumidos os modelos de Borer (1994) e Arad (1996). Segundo eles, os argumentos não recebem nenhum papél temático ou outras propriedades dentro do VP, sendo gerados e interpretados nos Specs de seus nódulos aspectuais.

A primeira projeção gerada acima de VP é o *AspEM (Event Measurer)*, representada em (4), onde é atribuído o Caso acusativo. Esse nódulo só será ausente em sentenças inergativas devido à ausência tanto de um measurer quanto da marcação de caso acusativo. Seu núcleo seria ocupado pelo *traço de medição de evento [EM]*. Quando o traço for forte [+EM]¹⁰ o argumento em seu Spec será interpretado como o measurer do evento descrito pelo verbo e a sentença será télica. Alguns verbos como *amar, odiar e saber*, por se tratar de verbos estativos - portanto inerentemente atélicos - terão seus argumentos internos gerados em AspEM para a marcação de Caso acusativo, porém seu traço aspectual será fraco [-EM]. Os argumentos gerados nesse nódulo corresponderiam aos argumentos que recebem o papél temático *tema* na Teoria

⁹ Segundo Arad (1996) existiria ainda o *nódulo delimitador (DELP)*. Estas construções são relacionadas em Arad (1996: 11) à alternância entre construções *DAC (Construções Dativas)* e *DOC (Construções com Objeto Duplo)* no inglês como no próprio exemplo da autora:

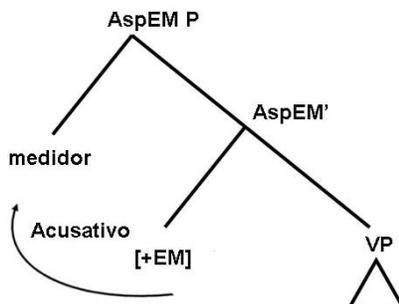
- 1) John gave a book to Mary (DAC)
- 2) John gave Mary a book (DOC)

Devido à impossibilidade deste tipo de construção no Português Brasileiro não entrarei em detalhes sobre este nódulo aspectual.

¹⁰ Importante observar que a única função dos traços [EM] e [OR] é designar as interpretações aspectuais, não tendo nenhuma influência na marcação de Caso.

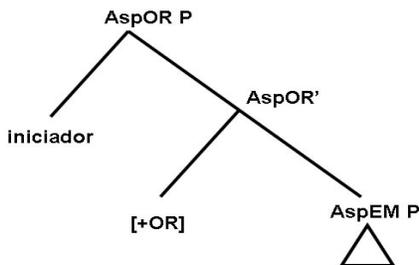
Temática¹¹. Portanto esta projeção terá funções tanto estruturais, de marcação de Caso acusativo, quanto aspectuais, de definição do medidor do evento.

(4)



O segundo nóculo será o *AspOR* (*Originator*), representado em (5), o que quer dizer que o argumento gerado em seu Spec será interpretado como o originator do evento descrito pelo verbo e a sentença será interpretada como tendo um ponto de início no tempo sem ter um ponto final definido. Nesse caso, os argumentos gerados neste nóculo seriam *Agentes* na Teoria Temática. Este nóculo só será projetado na presença de um originator na sentença para especificar o traço aspectual [+OR]. Esta projeção tem funções somente aspectuais, não se envolvendo na marcação de Caso.

(5)



Todas as outras propriedades semânticas dos argumentos seriam derivadas de suas funções aspectuais e irrelevantes à sintaxe.

3.1 VERBOS INERGATIVOS E INACUSATIVOS

Agora que as estruturas das projeções aspectuais estão esclarecidas é possível discutir sobre como elas funcionam em uma sentença, e sobre a diferença entre verbos

¹¹ Acredito que esta posição também possa ser relacionada ao papel temático *Causativo*, porém essa discussão é irrelevante para a continuidade do trabalho no momento.

inergativos e inacusativos que pode ser observada pela sintaxe segundo este modelo. Sabemos que tanto uma estrutura inacusativa quanto uma inergativa dão origem a um argumento DP. A diferença entre estas estruturas é o fato de que os inacusativos descrevem um evento que é marcado por um ponto final no tempo, enquanto os inergativos indicam que houve um ponto inicial para o evento, como podemos perceber em (6):

(6) a - Inacusativos

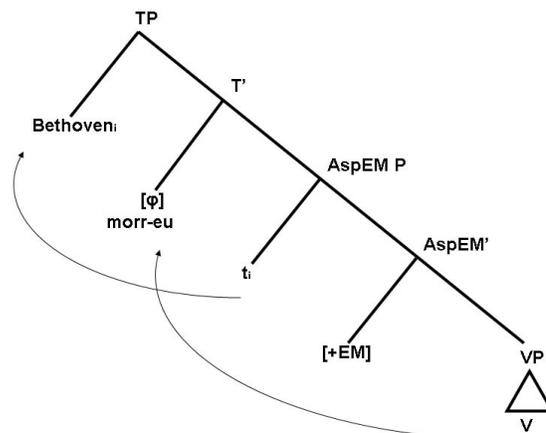
- Bethoven morreu (em 1827).
- A maçã estragou.

b - Inergativos

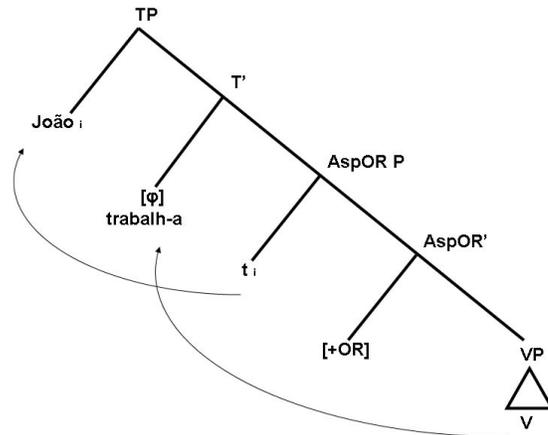
- João trabalha na faculdade.
- Tarja Turunen canta muito bem.

Percebemos em 6a que o verbo *morrer* indica o ponto final do evento, que se concretiza apenas no momento em que o seu argumento passa do estado de vivo para o estado de morto assim como o verbo *estragar*, que se concretiza apenas no momento em que *a maçã* estraga. Em outras palavras, os eventos inacusativos possuem um ponto final inerente. Em 6b os verbos indicam o ponto de partida do evento. O verbo *trabalhar* indica que seu argumento trabalha e o verbo *cantar* indica que seu argumento canta. Porém ambos são atéllicos, não possuindo um ponto final inerente. Conhecendo as projeções aspectuais podemos propor para 6a e 6b as representações em 7a e 7b, respectivamente:

(7) a. Inacusativo



b. Inergativo



Em ambos os casos, apenas um nó aspectual será projetado, de acordo com o tipo de evento – AspEM para inacusativos e AspOR para inergativos. Em TP o verbo sobe para concordar com os traços ϕ , que, por sua vez, necessitam de um DP para realizarem fonologicamente os traços de pessoa e número. Este DP será o Spec do nó aspectual, que receberá o Caso nominativo após o movimento para T.

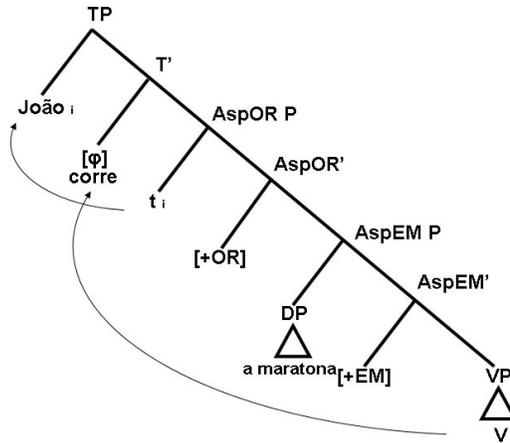
3.2 VERBOS DE MOVIMENTO

Voltemos aos exemplos (3), reproduzidos em (8):

- (8) a - Pedro corre
- b - Pedro corre até a padaria
- c - Pedro corre a maratona

Após a discussão teórica da seção 2, precisamos saber como fica a representação arbórea destas estruturas segundo a Hipótese da Interface Aspectual. Já foi discutido que 8a é um evento atélico enquanto 8b e 8c são télicos. Em 8a, uma vez que não há um delimitador nem interno nem externo, e seu único argumento tem a função de iniciador do processo, podemos dizer que se trata de um evento inergativo. Desta forma, sua representação seria idêntica à de 7b (página anterior). Já 8c teria a estrutura representada em 9, com *a maratona* especificando o traço [+EM] e recebendo Caso acusativo e João especificando o traço [+OR] e subindo pra T onde ganha Caso nominativo dos traços ϕ .

(9)



Em 8b precisamos ainda tratar do path *até a padaria* que não foi discutido em termos de configuração sintática até agora. Arad não deixa bem claro como seria tal estrutura, porém a autora apresenta o seguinte quadro, pareando as entradas lexicais às estruturas sintáticas:

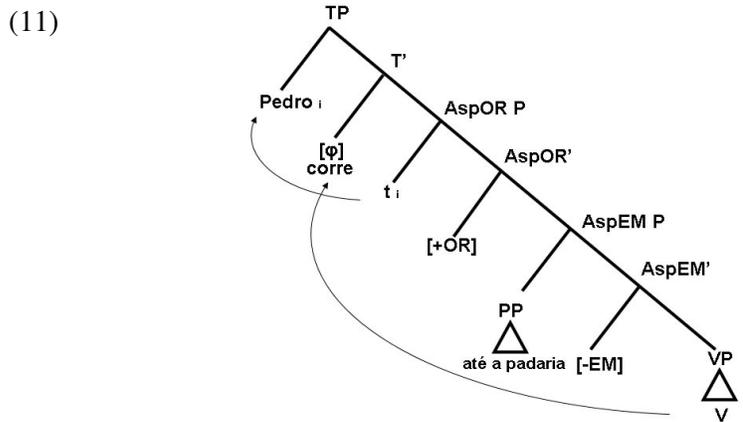
(10)

lexical input:	syntactic structure:
(i) NP, telic.	[TP NP _i [AspEM +EM t _i [VP V]]] (unaccusative)
(ii) NP, atelic.	[AspOR NP [VP V]] (unergative)
(iii) NP, NP, telic,	[AspOR NP [AspEM +EM NP [VP V]]] (kill)
(iv) NP, NP, atelic, non agentive	[TP NP [AspEM NP [VP V]]] (love)
(v) NP, NP, atelic	[AspOR NP [AspEM NP [VP V]]] (push)
(vi) NP, NP, PP, telic	[AspOR NP [AspEM NP [VP V PP]]] (give)
(vii) NP, NP, NP, telic	[AspOR NP [DELP NP [AspEM NP [VP V]]]] (give)

Arad (1996: 13)

Segundo este quadro, (vi) é a única estrutura onde existe um PP junto ao V. Sendo assim ela dá conta de sentenças onde o objeto direto não funciona como *measurer*, como a de 2b: *João dirigiu o carro até a faculdade*. Porém 8b não é contemplado, uma vez que não temos dois DPs (NPs) no input lexical. Uma forma de resolver este problema seria inserir uma nova linha na tabela semelhante à linha (vi) mas com apenas um NP no input. Desta forma o nódulo aspectual projetado seria o AspOR já que em *Pedro corre até a padaria*, não teríamos nem a marcação de Caso acusativo nem um *measurer* para especificar um traço aspectual forte. Porém, já chegamos à conclusão de que o delimitador externo (PP) atua em conjunto com path do verbo para medir a

duração do evento. Então, na existência de uma projeção aspectual de medidor, porque não o gerar em AspEM? Assumimos então (11) como representação arbórea de 8b:



Apesar da inserção do PP em spec de AspEM, o traço aspectual [EM] será fraco uma vez que o verbo, em si, é atético, não tendo o PP como uma projeção “natural” de medidor, ao contrário do nosso primeiro exemplo: *João comeu uma maçã* em que o verbo *comer* necessita de um argumento medidor do evento. Desta forma, podemos diferenciar o delimitador externo dos measurers e dos objetos não-measurers por dois critérios: pela força do traço aspectual [EM], o que diferencia o *measurer* dos outros Specs desta projeção; e pela marcação de caso, uma vez que os *measurer* e os objetos não-*measurer* receberão Caso *acusativo* e o delimitador externo receberá Caso *locativo* (12).

(12)

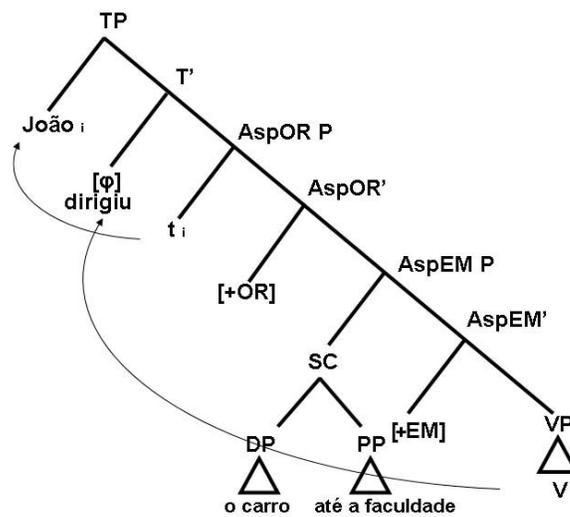
	measurer	não-measurer	PP
Caso	Acusativo	Acusativo	Locativo
Aspecto	[+EM]	[-EM]	[-EM]

Tabela 1: distribuição de Caso e Aspecto em AspEM

Esta representação, porém, nos traz uma nova questão: Em sentenças como 2b *João dirigiu o carro até a faculdade*, que apresenta um DP objeto e um PP delimitador, temos dois argumentos para serem inseridos num único spec. Nossa proposta é que neste tipo de sentença seja formada uma *small clause* (pequena oração) entre o objeto e o PP: *o carro até a faculdade*. Esta *small clause* entre objeto e ponto de chegada

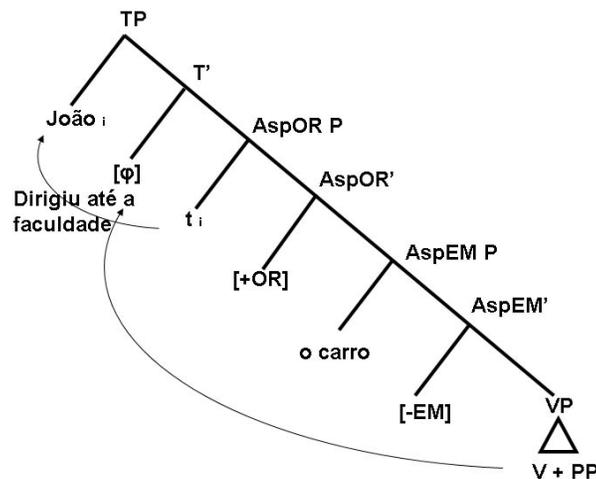
funcionaria como *measurer* da sentença, uma vez que o evento só termina quando “o carro até a faculdade chegar”. Sendo assim propomos a representação em (13) em que as construções de verbos de movimento com dois argumentos projetaria um AspEM com traço aspectual [+EM] que daria aspecto de measurer à small clause *objeto + ponto de chegada* que trafega em seu path. Esta proposta além de colocar o delimitador em seu devido lugar, resolveria um problema de linearização causado pelo bloco V+PP utilizado em Arad (1996) representado em (14):

(13)



João dirigiu o carro até a faculdade

(14)



João dirigiu até a faculdade o carro

Em relação à marcação de Caso, o traço [+EM] licencia cada um dos argumentos da small clause: Acusativo para o DP e Locativo para o PP.

4. CONCLUSÕES

Graças à Hipótese da Interface Aspectual é possível capturar na sintaxe algumas características aspectuais dos verbos e diminuir as informações que as entradas lexicais necessitam para projetar estruturas sintáticas. Podemos perceber também que algumas características como a telicidade de alguns verbos dependem diretamente de sua configuração sintática. Nos verbos de movimento em especial é possível perceber uma gama ainda maior de possibilidades sintáticas para cada verbo, o que garante a eles uma possibilidade ainda maior de interpretação imbricando os efeitos da telicidade, e das propriedades estruturais e aspectuais dos argumentos que estão à sua volta, além de uma certa relação entre a interpretação do verbo e a marcação de Caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAD, Maya. A minimalist view of the syntax-lexical interface. In. *UCL Working Papers in Linguistics*, nº. 8, 1996.
2. BAKER, Mark C. *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago, University of Chicago Press, 1985.
3. _____. *The Polysynthesis Parameter*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
4. _____. Linguistic difference and language design. *TRENDS in Cognitive Sciences*, nº7, 349-353, 2003.
5. BORER, Hagit. The Projection of arguments. In: E. Benedicto and J. Runner (eds.), *University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics*, V. 17, 1994.
6. BRODY, Michael. *Lexico-Logical Form*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
7. CHOMSKY, Noam & LASNIK, Howard. The theory of principles and parameters. In. CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Parameter*, Cambridge: MIT Press, 1993.
8. PESETSKY, David. *Zero Syntax: Experiencers and Cascade*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

9. TENNY, Carol. The aspectual interface hypothesis. In: SAG, I & Szabolcsi, A. *Lexical matters*. Stanford, Calif: Center for the Study of Language and Information, 1992.

RESUMO: A interrelação entre Sintaxe e Semântica ainda é bastante controverso. Na contramão da maioria dos trabalhos que consideram unicamente os papéis temáticos como mediadores desta relação, este artigo propõe o aspecto - uma noção semântica que apresenta manifestações sintáticas – como mediador desta relação. Para isso adotaremos a hipótese da interface aspectual (Tenny 1992) e as contribuições de Arad (1996), apresentando seus principais fundamentos, telicidade e as projeções aspectuais de measurer e de originator, visando explorar o seu funcionamento nos verbos de movimento do Português Brasileiro. O artigo também mostra a contribuição desta hipótese na identificação de verbos inacusativos e inergativos e apresenta a possibilidade da presença de um measurer em sentenças com verbos de movimento, estruturas que foram ignoradas em Arad (1996).

PALAVRAS-CHAVE: hipótese da interface aspectual; verbos de ação; telicidade; interface sintático-lexical; inacusativo; inergativo.

ABSTRACT: The interrelation between syntax and semantics remains controversial. While most of the theories consider only thematic roles as mediators of this relation, this paper proposes that aspect – a semantic notion that is manifested in the syntax – could be a better mediator. We will assume here the Aspectual Interface Hypothesis (Tenny, 1992) and the contributions in Arad (1996), presenting telicity and aspectual projections of Measurer and Originator, in order to explore its mechanisms in verbs of motion in Brazilian Portuguese. Another goal of this paper is to present the contribution of this theory in the identification of unaccusative and unergative structures and the possibility of the presence of a measurer in motion events, which has not been addressed in Arad (1996).

KEYWORDS: aspectual interface hypothesis; verbs of motion; telicity; syntax-lexical interface; unaccusative; unergative.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 26 de fevereiro de 2008.